**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**RELATÓRIO PARCIAL DO ALUNO e PARECER DO ORIENTADOR**

**BOLSA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA-2018/2019**

**CNPq. ( ) FFLCH (x) PRP ( ) SANTANDER ( )**

**1. IDENTIFICAÇÃO**

Nome: Alana Duarte de Oliveira

Bolsista: Não

Orientador: Ivan Francisco Marques

Departamento: Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Nome do Projeto: Machado de Assis e o Cinema: A adaptação do conto O Alienista por Nelson Pereira dos Santos

**RESULTADOS**

Este relatório terá como base bibliográfica obras de História, haja vista sua necessidade na revisão bibliográfica de Literatura. Os textos foram usados para que fosse possível analisar e, também, contextualizar a pesquisa até aqui. No estudo da obra literária de Machado de Assis, foram utilizados como apoio os textos críticos de Alfredo Bosi, Ivan Teixeira e Roberto Schwarz. Para embasamento histórico, os autores Lilia Schwarcz e Maurício Severo de Sousa foram usados para o estudo do Segundo Império, Dom Pedro II e dados importantes do final do século XIX. Os textos forneceram dados para que fosse feita uma análise concisa de fatos históricos procurando responder perguntas relacionadas à origem e à influência do conto *O Alienista*.

Em busca de responder questões que envolviam o público ao qual o texto foi direcionado e como isso pode ser analisado a partir do texto, o primeiro passo foi estudar a sociedade brasileira do século XIX, sua cultura, política e o regime político do Brasil Império para estabelecer pontes entre a história e a literatura que Machado produzia para um público crítico de sua situação sócio-política e que buscava entender mais sobre os seus próprios problemas.

É inegável que o público aguardava textos de Machado de Assis e que, junto com a geração de 1870, entendiam o papel da imprensa, e não com o propósito para que ela foi criada: de melhorar a imagem do Império. Na verdade, Machado de Assis ia à contramão dos interesses políticos. Então, *O Alienista* é escrito e publicado possivelmente para ironizar seu período, denunciando os problemas sociais e políticos. Além disso, o conto cria uma reflexão sobre o Segundo Reinado. De forma densa, o texto é indissociável de questões culturais, religiosas, políticas e sociais. O discurso machadiano tem a História do Brasil como origem para a criação de *O Alienista*.

**ANÁLISE**

**O Alienista em Papéis Avulsos: A caricatura do altar, do trono e do povo.**

*O Alienista* foi publicado no jornal *A Estação* entre outubro de 1881 e março de 1882 na “Parte literária”. Com algumas mudanças, o conto é publicado novamente no livro *Papéis Avulsos* em outubro de 1882. Machado, como uma das figuras centrais da geração de 1870 — grupo que surge diante da insatisfação com as políticas de D. Pedro II e seu Congresso dividido entre conservadores e liberais — está entre aqueles que discordam das políticas de manutenção da concentração de renda e status quo enraizadas na elite brasileira, sob o poder de uma monarquia em decadência.

Ao publicar *Papéis Avulsos,* Machado de Assis apresenta a sua evolução como autor e notifica como uma advertência que os escritos ali são avulsos, mas com propósito pois, *são pessoas de uma só família, que a obrigação do pai fez sentar à mesma mesa[[1]](#footnote-1)*. Segundo Antonio Candido, Machado chega a essa fase chamando atenção para a *ironia fina, estilo refinado, evocando noções de ponta aguda e penetrante, de delicadeza e força,* durante um tempo em que as obras naturalistas assustavam o público com as descrições fisiológicas. Em vista disso, o autor se consagra ao timbrar *nos subentendidos, nas alusões, nos eufemismos, escrevendo contos e romances que não chocavam as exigências da moral familiar[[2]](#footnote-2)*. Essa fase de maturidade, também se relaciona diretamente com o lançamento da obra *Memórias Póstumas de Brás* *Cubas* em 1881 e torna *Papéis Avulsos,* lançado posteriormente, *a coletânea de contos mais importantes dentre suas obras*[[3]](#footnote-3). *O Alienista*, já conhecido do público que lia o jornal *A Estação,* é o conto de abertura do livro, seguido pela *Teoria do Medalhão*. Outros contos de destaque como, *O Espelho* e *Verba Testamentária* estãoentre os outros 13 contos do livro que projetam um Machado mais satírico e de caráter menos romântico como nos romances Iaiá Garcia (1874) e Helena (1876).

Em a *Teoria do Medalhão* se tem a voz de um pai para um filho que atinge a idade de 21 anos. O pai diz ao filho o que ele deve ser de acordo com as suas referências. O filho deve se distinguir na multidão ao se identificar com alguma profissão, isso seria sua identidade social. Mas qual é a identidade ideal? O que a identidade deve representar? Essa abertura para um discurso social, em que há a valorização de uma carreira ou outra, mostra a projeção do vazio no outro e o conservadorismo socialmente arraigado. Esse Machado maduro é também um Machado crítico que no conto *O Espelho* deixa uma gama de interpretações pelo seu processo metafórico e da mimese para que o seu jogo de perspectivas *produzam um espetáculo histórico-social complexo[[4]](#footnote-4).*

Além da busca de identidade, o que no contexto histórico de Machado era algo que a maioria da intelectualidade tinha como propósito para a construção de uma identidade brasileira, a representação da autoritária personagem Jacobina no conto *O Espelho,* muito possivelmente, representa a projeção da cultura do colonizador.O processo de esvaziamento ocorre pela personagem em processo de mudança. Com o tempo, o que fazia sentido, não fazia mais a partir das constatações sobre si já que a personagem Jacobina, um homem de quase meia idade que ascendeu socialmente após uma nomeação militar, está na presença de quatro amigos que parecem interessados em um debate sobre a alma, mas ele não. Com isso, ele conta sua história para ilustrar que pode existir a alma interior e exterior. Quando ele ganha um espelho de sua tia e se vê sozinho diante dele, percebe que não consegue enxergar-se verdadeiramente.

Enquanto o conto *O Espelho* concentra-se em um momento da história, o conto *Verba Testamentária* finaliza o livro ampliando-se no tempo histórico. Segundo Gledson, um conto *com referências históricas impossíveis de serem ignoradas*[[5]](#footnote-5). Mesmo que Machado se refira aos contos como textos avulsos, todos têm em comum o questionamento do que é a busca pela identidade. Cada conto, mesmo que de forma particular, tem evidências sobre a questão de identidade e representatividade. Consciente de que quando se fala de uma formação da literatura brasileira, se fala também da formação da nação, mais especificamente, do sentimento nacional de comunidade, Machado dá rosto às dúvidas da existência de uma nacionalidade brasileira.

Machado de Assis também reflete o que muitos intelectuais argumentaram em relação à formação nacional brasileira, como Von Matius, José Murilo de Carvalho e Ferdinand Denis: a preocupação com construção da literatura nacional e de identidade. A ideia que muitos intelectuais tinham do que deveria ser a literatura brasileira busca recobrar as questões de identidade já que o jogo de poderes e constantes revoltas se apresentava de maneira corriqueira na história brasileira. *O Alienista* assume uma linha tênue com o discurso histórico e ficcional e o narrador machadiano encontra-se em um jogo de sombras, assumindo uma crítica ao Império de D. Pedro II, ao cientificismo e a loucura. Isto posto, a materialidade histórica em *O Alienista* se apoia nas críticas políticas e sociais.

O enredo de *O Alienista* se passa *em* *tempos remotos*, na pequena cidade de Itaguaí. O médico Simão Bacamarte casa-se com Dona Evarista, interessado em ter filhos. Depois de muitas tentativas frustradas e sem conseguir constituir uma família, o médico se dedica aos estudos da loucura. Quase como uma obsessão, o médico torna-se alienado pelos seus próprios estudos e com a aprovação da câmara da cidade abre a Casa Verde, uma instituição para curar os alienados. Administrada pelo médico, o asilo de início é bem aceito pelos moradores, mas em seguida, Bacamarte interna quase toda a cidade sem comprovação de que essas pessoas estão fora do controle de suas faculdades mentais, instaurando o medo e se tornando um *ditador da pobre vila de Itaguaí[[6]](#footnote-6).*
 O narrador onisciente em terceira pessoa, que por muitas vezes, se intromete na narração apresenta diversas características de análise psicológica e crítica social durante toda a extensão da prosa. Mesmo sendo um texto longo, não apresenta de forma densa as características de uma novela. Além disso, *O Alienista* em seu primeiro parágrafo apresenta a tensão da narrativa, no qual o narrador revela um ponto de vista e não há pluralidade dramática, por isso é melhor classificado como um conto. Com essas especificidades claras, é possível apontar que a prosa machadiana mostra e explora comportamentos divergentes, autoritários e comportamentos humanos que se revelam ser somente aparência.

Nos quatro primeiros capítulos do conto, o que é apresentado ao leitor são as ideias de Simão Bacamarte, que até o final do capítulo IV não parecem em absoluto distorcidas. Quando Bacamarte exemplifica sua pesquisa com dados de pessoas que tinham transtornos mentais, ele ao mesmo tempo em que se apoia na História também a omite: *Os exemplos achou-os na história e em Itaguaí mas, como um raro espírito que era, reconheceu o perigo de citar todos os casos de Itaguaí e refugiou-se na história*. O perigo a que o narrador se refere são os argumentos contrários aos seus estudos da loucura, caso alguém obtenha os mesmos dados históricos que ele dispõe sem a superficialidade com que os apresenta.

Nesse ponto, é interessante considerar que o pensamento moderno ao mesmo tempo que tornou o homem dono de si, com liberdade de expressão e livre escolha, também deu força a naturalização de ações humanas que se tornaram normativas ao impor um comportamento ideal ou uma “lógica” que deve ser seguida. Simão Bacamarte aponta *alguns personagens célebres, Sócrates, que tinha um demônio familiar, Pascal, que via um abismo à esquerda, Maomé, Caracala, Domiciano, Calígula, etc.[[7]](#footnote-7),* e exclui outras informações, selecionando o que ele priorizava em seu estudo, porém, sua afirmação somente não dá veracidade ou garantia de que esses personagens eram realmente assim. Essa leitura dos personagens históricos feita pelo médico é, como sugestão, ridicularizada pela voz narrativa[[8]](#footnote-8).

O narrador se intromete vez ou outra na narração, quando afirma, dá ultimatos ou nega fatos. As críticas se desenrolam no texto pela intromissão do narrador criando um efeito estético que ao longo da narrativa se revelam como algo ambíguo. Este efeito estético do texto, através da ambiguidade, é criado a partir intromissão do narrador e subverte as entrelinhas o cientificismo de Bacamarte, desmentindo-o pouco a pouco. O pensamento moderno e científico do doutor, casado com uma jovem viúva dona Evarista, a faz se abster do consumo de carne de porco. A relação entre a possível esterilidade e carne de porco parece absurda, entretanto, totalmente naturalizada por Bacamarte que concentra seus esforços em provar essa relação que mais tarde, se observado, não resulta em nada pois ainda assim, o casal não consegue ter filhos[[9]](#footnote-9).

Por pensamento moderno, entende-se que a razão é parte inseparável do pensamento da época. A retirada da subjetividade do campo do pensamento filosófico e artístico demonstra novos rumos ao ser humano e coloca, por exemplo, a religião em segundo plano por ser considerada um campo subjetivo e irracional na vida do homem moderno. Machado encontra-se em um período de transição da forma como se é feita literatura, a transição do romantismo para o realismo está implícita em suas obras que os críticos[[10]](#footnote-10) apontam como sua fase madura. É identificável, a partir da categorização da literatura realista que Machado deixa o imaginário romântico e cria Brás Cubas baseando-se na realidade para determinar o fracasso humano e social[[11]](#footnote-11). Em *O Alienista* o jogo de perspectivas do narrador machadiano nos apresenta aos ideais científicos deturpados de Bacamarte que subjuga sob uma hierarquia de poder através da ciência.

O conto de treze capítulos desenvolve-se com um narrador que apresenta fatos em um jogo de luz e sombras, isto é, ao se distanciar e ao se aproximar, ele joga luz sobre as ideias distorcidas de Simão Bacamarte, de quem ninguém tem coragem de discordar. A forma como ele expõe suas ideias é enviesada, não há imparcialidade ou neutralidade. É possível constatar isso no capítulo IV - Uma nova teoria, no qual o alienista convida para uma conversa o boticário Crispim. O alienista divide suas ideias com o boticário, que por sua vez, não entende muito sobre os estudos da loucura. Preocupado com a sua esposa que estava acompanhando D. Evarista (esposa do alienista) ao Rio de Janeiro, o boticário se obriga a concordar com o médico, mesmo que achasse a ideia de ampliar o território da loucura *extravagante*.

O narrador de *O Alienista* deixa exposto quando ridiculariza a violência como se fosse algo natural ao meio social. Isso pode ser encontrado no conto a partir do Capítulo V - O terror, quando a primeira internação acontece. Costa, um homem definido como digno, é internado por distribuir sua fortuna, dando e emprestando. Quando ele não era pago, perdoava a dívida. Isso foi visto como um sinal de loucura por Simão Bacamarte que o recolheu na Casa Verde, sem muitos questionamentos de grande parte da população da cidade.

Daí em diante, a narrativa se sustenta pela inconsistência dos valores de Simão Bacamarte e divide o narrador em uma espécie de admirador quando o alienista acalma a revolta dos Canjicas e um narrador que quase é tomado pelo ponto de vista de quem é internado na Casa Verde. É a partir do décimo capítulo que o narrador explicita uma fingida admiração que tem por Bacamarte quando ele afirma que *alguns cronistas crêem que Simão Bacamarte nem sempre procedia com lisura, e citam em abono da afirmação (que não sei se pode ser aceita) o fato de ter alcançado da Câmara...* Ao começar a duvidar de outras fontes que colocam em risco os valores do médico, essa tomada indeterminada do narrador em relação ao personagem coloca a narração fora do campo da ambiguidade que até então estava sendo trabalhada. É assim, revelado o poder sobre o outro, o que seria comparável ao vassalo defendendo seu senhor.

 Segundo Ivan Teixeira, o discurso histórico está mimetizado em *O Alienista* e por isso, há uma concentração da tradição crítica na temática da demência como instrumento de sátira ao cientificismo e na denúncia contra a centralização do poder pelo mito da razão e do estudo. O autor não descarta essas leituras, concordando. No entanto, ele afirma que *deve se admitir que só isso não dá conta da abrangência semântica* do conto, colocando em segundo plano as hipóteses da crítica e propondo que *O Alienista deve ser entendido como imitação burlesca da história do mundo*. Para o estudo do conto, Teixeira tem como alicerce três séries de eventos importantes para o repertório cultural do Segundo Reinado, são eles: *dissidências entre o Estado e a Igreja, postas em relevo pela Questão religiosa; consolidação da prática da medicina psíquica no Brasil, observada a partir da criação do hospício de Pedro Segundo; e ameaça à unidade do Império Brasileiro, motivada, sobretudo, pelas revoltas do período regencial*[[12]](#footnote-12).

É importante retomar que a intelectualidade da época ao procurar uma identidade nacional, também buscava por figuras de representação. Por isso, é fácil encontrar na literatura brasileira a figura do índio, do mulato malandro ou a figura do colonizador europeu. Machado de Assis estava consciente de que o Brasil era um país formado por diferentes tipos de pessoas e crenças, mas o passado colonial reflete na nação e consequentemente, forma um povo com pensamentos culturais do colonizador. Isso marca a literatura do século XIX, sendo pela representação de um suposto ideal, como o índio domado e heroico e críticas à manutenção social e política do Brasil.

Por isso, a articulação com a História do Brasil neste trabalho pode ser imprescindível, uma vez que é possível que Machado de Assis tenha gerado *O Alienista* sob a base de um discurso histórico. Segundo Teixeira isso também pode ser lido como uma intervenção caricatural, já que na trama Machado tem bem desenhado as hierarquias de poder, entre ciência, religião e o povo. Assim, é possível fazer o paralelo entre esses três eventos históricos do Segundo Império que envolve sua política, cultura e a ciência. Entretanto, Teixeira esclarece que não há uma busca por legitimar a arte machadiana através da História do Brasil, mas que esses fatos exteriores *devem ser entendidos como geradores de discursividades, e não como origem factual da ficção[[13]](#footnote-13)*.

O poder no Segundo Império era nivelado pelo sistema de patronagem e o conto proporciona um paralelo sobre a hierarquia da época. Paralelos estes, que Machado de Assis, muito possivelmente, gostaria que *O Alienista* proporcionasse. Assim, é possível revelar o Imperador figurativo na política, mas que trás a ciência para o Brasil[[14]](#footnote-14). O sistema político brasileiro ia em direção aos que estavam no poder, a ideia de política, um tanto deturpada, não acatava a vontade da população porque isso era colocar em risco “a liberdade do todo”[[15]](#footnote-15). Mas, a finalidade era fazer uma constante manutenção do poder e da renda, já que com o sistema de patronagem exercido se mantinha a concentração de renda e a propriedade na mão da elite do país.

Por consequência, o que existia no Brasil Império era uma câmara figurativa para se fazer política, já que se encontra sem força contra a pressão internacional. Também, é possível ver no conto que Padre Lopes não concorda totalmente com Bacamarte, criando margem para possíveis desentendimentos e, por conseguinte, um desequilíbrio de poderes levando em conta a oposição ciência e religião. Durante o Império, a Igreja estava insatisfeita com o trono porque o imperador Dom Pedro II deixava o pensamento moderno enfraquecer a instituição religiosa.

Em alguns aspectos, é possível fazer uma ponte com a figura de Dom Pedro II e Bacamarte. Os dois se preocupam em questões demasiadamente importantes, mas são cegos pelas mesmas. Eles são figuras de poder porque tem o conhecimento legitimado pelo status social. Através disso, usufruem da criação de situações que forçam aqueles que estão abaixo a os seguirem. Segundo Bosi, a situação de força[[16]](#footnote-16) é criada em *O Alienista* pelo desenho social em que é exercido o poder sobre aqueles que moram na pequena cidade de Itaguaí.Outro ponto que o autor sugere é a inversão de valores que Bacamarte faz da ciência e da razão, ele na verdade perverte esses valores e negligencia o poder internando a cidade inteira na Casa Verde e, por fim, se torna o único alienado. Ademais, leva os moradores ao extremo com suas ações de cunho tirano e não prevê a agitação e revoltas em praça pública.

Nesse quadro em que o alienista se torna o alienado, o tom de denúncia entre ciência e poder criado por Machado é a ironia, no ponto que a loucura se torna uma alegoria em que a alienação feita é vista com bons olhos por quem faz, mas quem concorda ou quem sofre se sente condenado pelas amarras sociais que se vinculam com o status social de quem as pratica. Ir contra o poder autoritário, nem sempre é fácil quando o direito de livre expressão é usurpado e sua sanidade é colocada em dúvida.

Em *O Alienista* a hierarquia de poder está representada por personagens como Simão Bacamarte e Padre Lopes de forma caricatural em que a discursividade dá forma à construção de força que cada personagem exerce no todo. Nessa hierarquia, as ideias de Simão Bacamarte são justificadas por meio da ciência, o personagem se torna a caricatura do cientificismo. O que também expressa pensamentos do homem positivista do século XIX que tudo explica de forma racional. Por isso, Bacamarte tenta ser o que o homem do século XVIII não conseguiu ser: racional.

Diante da construção social, política e cultural que o país se encontrava, Machado de Assis cria figuras com aporte social e cultural do século XIX para o conto *O Alienista*, deixando de lado a configuração romântica que até então vinha sendo seguida por ele e por outros autores como José de Alencar, Gonçalves Dias ou Almeida Garrett. O que mais uma vez deve ser retomado sobre a época de Machado é que o autor, como qualquer outro escritor de seu tempo, deixou essas características realistas influenciarem suas produções literárias. Assim, os personagens do conto estão alinhados diretamente com a discursividade histórica e o momento realista da literatura porque eles reagem aos condicionamentos que lhe são impostos no decorrer da trama como serem impelidos pelas questões sociais e religiosas.

No conto Crispim, o boticário da cidade, mesmo sendo supostamente amigo de Simão Bacamarte, adere à causa do Barbeiro Porfírio, se rebelando contra aquele sistema autoritário de aceitação das ideias do alienista, reagindo ao que lhe é condicionado. No começo, Crispim segue as ideias do estudioso doutor e as aceitando sem realmente entender dos estudos da loucura. O que pode ser revelado dessa relação é a superficialidade do boticário e a facilidade de convencimento de Bacamarte. No entanto, com a série de internações que vários cidadãos de Itaguaí passam a sofrer, levanta a desconfiança contra as reais intenções do funcionamento da Casa Verde. Inclusive, o boticário se tornar mais um paciente do hospício pela sua desobediência às ideias de Bacamarte.

 A ânsia pelo poder permeia o barbeiro Porfírio, este por sua vez, inflama uma revolta contra Simão Bacamarte. Mas, a revolta não tinha nenhum benefício aos moradores da cidade de Itaguaí contra o médico, o que o Porfírio realmente alçava era a vida política. Assim, se aproveitando de um escândalo, de acusações de corrupção da câmara e as ações desproporcionais do alienista ao internar sem aparente motivo. Porfírio transmite uma imagem populista por intermédio da raiva da população e seus interesses pessoais pelo poder. Ainda assim, o barbeiro é preso por duas vezes na Casa Verde.

E, mesmo que haja oposição entre o barbeiro e o alienista, configurando duas figuras opostas ao compor duas diferentes formas de pensar e se chocarem no meio social como duas formas de se fazer política com o viés do “bem” social, o resultado é o mesmo já que as duas figuras geram uma forma de controle. Ao mimetizar em seu discurso o seu momento histórico, através dos personagens, Machado também trata de perspectivas de quem está no topo de uma hierarquia e quem está abaixo dela também, causando reflexão sobre a existência de alguma verdade absoluta através do jogo de pontos de vista provenientes do meio social.

 Segundo Schwarz, essa é uma fórmula narrativa de Machado que *consiste em certa alternância sistemática de perspectivas[[17]](#footnote-17).* O resultado é a ambiguidade dos pontos de vistas que constrói desconfiança, se existe algum discurso ou ação que não figure poder sobre o outro ou o bem sobre o mal, a virtude ou a falta dela. O Barbeiro tem sede de poder, por isso se torna uma caricatura do que as camadas sociais em ascensão e da elite do Império queriam, isto é, o poder econômico, político e social. Por isso, ao liderar uma rebelião contra o poder vigente, o barbeiro ganha destaque na narrativa.

Outro personagem de destaque na narrativa e que também briga pelo poder é o Padre Lopes, pois são vários os momentos em que ele demonstra insatisfação com as ideias de Simão Bacamarte. Em certos momentos, ele declara que não entende a teoria da loucura, que a Casa Verde não parece uma ideia que mereça ser executada, ao ponto de parecer uma “obra absurda” e “colossal”, enquanto afirma que a loucura e a razão já estão perfeitamente delimitadas. Nesse mesmo momento, vê-se o alienista disfarçar seu desdém enquanto apieda-se da falta de instrução científica do padre.

O padre, sem muito argumento, se encontra dividido sem saber se deve escolher a ciência ou a teologia. Identifica-se nesse quadro, a subjetividade da religião e outra forma de alienação do homem, já que não obedecer ou até mesmo questionar uma figura de fé, era visto como uma falha de caráter. Com a mudança de convicções e crenças, o homem passa a acreditar no que pode ser comprovado, racionalmente. O padre não tem argumentos que não estejam na esfera do subjetivo, ou seja, os dogmas de fé não tinham mais a mesma força que no século anterior, a ciência se sobrepunha como cultura e razão e o padre Lopes perdia a sua força, na mesma medida em que o altar perdia quem se curvasse á ele.

A Igreja e as ideias modernas que estavam dominando o pensamento da sociedade brasileira no final do século XIX intensificava cada vez mais a discussão, já que era difícil conciliar uma Igreja conservadora e o pensamento progressista da época. A ideia de que a religião deveria se separar do Estado ganhava força e era amplamente requerido que a religião fosse para a esfera privada e que fosse direito do indivíduo escolher a religião que gostaria de seguir. Além disso, D. Pedro II era um homem da ciência, aplicava-se em criar uma unidade brasileira com cultura e educação e não incentivava de fato a fé católica, já que ele mesmo não a seguia, a não ser para cumprir ritos da Coroa.

Desta forma, a ligação altar e trono que se vê no conto já que Simão Bacamarte é filho *da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas* e Padre Lopes, se enfraquece ao longo da prática científica que não está de acordo com o fortalecimento de poder que os dois exercem no meio social, criando rasuras na manutenção do poder Igreja e Estado. A união do altar e do trono foi herdada do passado colonial do Brasil e era mantida por ser um elemento de regulação do poder, posto que mantivesse os laços estreitos por um perfil de identificação da nação. O fortalecimento de um era então, o fortalecimento do outro. Assim, era a consolidação de um poder bilateral de hegemonia nacional.

*O Alienista* alude de forma irônica ao momento pelo qual o Brasil passava e tem na alienação de Simão Bacamarte a sua principal caricatura. Ele é um homem de elite em oposição a pequena cidade de Itaguaí. Uma vez que não consegue constituir família, dedicando-se aos estudos científicos, a ruptura que ele cria com Padre Lopes pode remeter à imagem de D. Pedro II, pelo fato do Imperador do Brasil não conseguir ter total controle e ceder muitas vezes a pressão da Igreja para cumprir protocolo, mas que cada vez mais procura e estuda as ciências.

Outro aspecto do conto é a loucura usada como alegoria, em virtude da valorização dada por Dom Pedro II à ciência, educação e saúde. O Imperador (sensibilizado pelo transtorno mental do seu neto favorito, Pedro Augusto, filho da princesa Leopoldina) inaugura o primeiro hospício brasileiro em 1841. A historiadora Lilia Schwarcz descreve o imperador como uma figura da ciência. Ele realmente se preocupava com educação e saúde, mas é claro que esse tipo de preocupação chegava a uma parte da sociedade, mais especificamente no Rio de Janeiro, onde estava localizada a corte brasileira[[18]](#footnote-18).

Bacamarte tem como parâmetro a ideia de salvar aquela parcela da população de si mesma, tomando medidas bruscas e com apoio dos políticos. Ele a contém ao legitimar seu discurso através da ciência, de sua posição social e poder hierárquico. É interessante entender essa possível crítica ao imperador, ao contrastar com a posição de D. Pedro II. Longe de ser um ditador como Bacamarte, o imperador toma para si naquele momento a missão de tornar a população brasileira unida, e para isso, toma como ponto de partida a cultura. Mesmo assim, Dom Pedro II não consegue prestígio com a população brasileira.

Além disso, na tentativa de melhorar sua imagem e com o claro declínio das ideias absolutistas, Dom Pedro II apoia o surgimento da imprensa brasileira e as notícias que criticavam seu governo. O Império precisa se afirmar de alguma forma, diante dos leitores médios e burgueses que gostavam de ler tais questões ligadas à elite do país. Portanto, foi necessário criar uma imagem de bom governo para sufocar revoltas e a mídia para alcançar o que o imperador não conseguia com a maior parte da população brasileira: se comunicar e ganhar a simpatia de uma nação sem uma cultura que criasse unidade e que se inspirava na velha e fria Europa.

Segundo Gledson, é muito provável que a história brasileira tem papel central no desenvolvimento das ideias de Machado de Assis e por isso, a questão da identidade nacional também se liga a essas ideias. O autor chega a citar o paralelo que ocorre em uma palestra chamada “Machado de Assis – Texto e Contexto” em que Raymundo Faoro alude possíveis ligações entre Simão Bacamarte e Simón Bolívar e o barbeiro Porfírio e Porfírio Diaz em que duas ditaduras geraram figuras de força na América Latina. Esse paralelo histórico constrói uma lógica histórica em que Machado muito possivelmente, confronta a falta de figuras representativas na história do país. O Brasil não tem uma figura de poder que crie um elo de unidade, que represente ou identifique a nação[[19]](#footnote-19).

Outro paralelo, diante da afirmação de Gledson, é a fragilização que ocorre com a imagem de Dom Pedro II. Com viagens constantes, a monarquia passou a ser figura contraditória no poder de um país em que o Imperador mal conseguia ficar por alguns meses antes de embarcar numa nova viagem. As contradições que o Império enfrentava fragilizaram não só a política, mas também a economia. A agricultura sofria com a desestabilização de sua rentabilidade, já que a escravidão estava ameaçada pela soberana industrialização capitalista inglesa. Isso enfraquecia a elite, que se irritava por sua renda ser cada vez menor e, automaticamente, começa a enxergar com pouca fé o Império. É desse ponto em diante, que Dom Pedro II é alvo de piadas na corte e o Brasil se encontra verdadeiramente órfão de uma figura de força.

Da mesma forma no conto, a figura de Bacamarte se torna uma figura de contraditória na medida em que ele interna os moradores da pequena cidade de Itaguaí sem qualquer comprovação de que de fato essas pessoas sofriam de algum problema de ordem psicológica. A cidade sofria uma silenciosa ditadura com as ações do doutor, suas ideias e suas ações não eram claras e o narrador a cada intromissão criou através das ações dúbias a atmosfera de ambiguidade estética em que o conto consegue caricaturar as ações sociais complexas do contexto histórico do Brasil, deixando a loucura como fonte de sátira a ciência, mas com uma função subsidiária no conto. O argumento maior vem da fina crítica social e política da época, em que a disputa pelo poder tem no *procedimento retórico* do conto uma *agudeza* quando alude em tom de denúncia[[20]](#footnote-20).

 A estética da ambiguidade de *O Alienista* é construída por Machado de Assis e revelada aos poucos em um jogo de luz e sombras através de um narrador que se intromete e leva os personagens caricaturais por um caminho em que a história permeia e se torna a força para a geração da discursividade do texto. A sua estilística madura busca uma forma não característica do realismo de descrever, mas de denunciar o que os ideais científicos de Bacamarte, as intenções de cunho pessoal de Porfírio e Crispim, os interesses políticos de Padre Lopes e uma cidade inteira subjugada a vontade de poucos.

A narrativa Machadiana nos leva também a esfera da discussão religiosa, onde os preceitos da igreja se tornam irracionais para o homem moderno. A Igreja perdeu força no meio social e deixou de influenciar o homem e suas ações. E quando a Igreja tentava intrometer-se na ciência e na política era vista como um obstáculo porque firmava seus ideais como verdade absoluta, sem possibilitar outros pensamentos. Assim, Padre Lopes é uma figura de poder decadente, sem argumentos racionais para parar a onda científica e de medo que Bacamarte espalha pela cidade. O Padre se torna uma caricatura do estado figurativo que a Igreja toma para si, deixando de ser a única forma de tomar decisões e reclamar direitos.

Por fim, *O Alienista* constrói ao longo de sua narrativa fortes críticas sociais em relação ao Segundo Império, a ciência e a religião, mas que se encontra em diálogo com História do Brasil e dá forma às dúvidas sobre a existência de uma identidade nacional. As mazelas sociais e políticas são uma marca na história e no fortalecimento do pensamento racional. Entretanto, o que deveria tornar o homem livre para pensar e escolher de acordo com a sua consciência, na verdade cria as amarras sociais. Machado as internaliza e alude de forma irônica, o que muitas vezes incomoda, como se a história mostrasse continuamente a mesma repetição de erros. Portanto, diante desses dados, a análise do conto tem como alicerce a literatura e a história, para estudar os possíveis paralelos do conto e da História do Brasil através do que Machado articula a partir de seu contexto.

**REFERÊNCIAS**

ASSIS, Machado. *Advertências*. in: Obra Completa, Machado de Assis, vol. II, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994.

ASSIS, Machado. *O Alienista.* São Paulo: Ática, 2000.

BERNARDET, Jean-Claude. *O que é Cinema.* 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOSI, A. “A máscara e a fenda”. In: *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 2000. p. 76-126.

FABRIS, Mariarosaria. *Nelson Pereira dos Santos: um olhar neo-realista?* São Paulo: EDUSP, 1994.

FRANCA, Sandra Mara da Silva.  *Machado de Assis: uma edição crítica de O Alienista Com ensaio introdutório: “O Alienista, ou do Objeto Inapreensível”.* Tese (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.
GLEDSON, John. *A História do Brasil em Papéis Avulsos de Machado de Assis.* Tradução de Hélia Neves. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo de Affonso de Miranda (orgs.). A história contada. Capítulos de História Social da Literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
MORAES DIAS, Cecilia Maria de. “Entrevista com Nelson Pereira Dos Santos: conversando, no Japão, sobre cinema, vida e influências”. In: *Estética*, São Paulo, n° 13, jul-dez de 2016.
PIRES, Carlos. Oscilações do Narrador em “O Alienista”, de Machado de Assis. In: Machado de Assis em linha, São Paulo, v. 10, n. 21, p. 142-157, agosto de 2017.
RAMOS, Paulo Roberto. “Nelson Pereira dos Santos: Esperança e resistência de um cinema”. *Estudos Avançados*, São Paulo, n° 21 (59), 2007.
SCHWARCZ, Lilia. As Barbas do Imperador. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
SCHWARZ, Roberto. Prefácio. In: *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis.* São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
SEVERO DE SOUSA, Maurício. *“*A relação entre Igreja e Estado no Brasil do século XIX nas páginas d ́O Novo Mundo (1870-1879)*”. In: \_*- Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião - UFJF*.* Sacrilegens, Juiz de Fora, v. 10, n.2, p. 48-62, jul-dez/2013.
TEIXEIRA, Ivan. *O altar e o Trono: Dinâmica do poder em O Alienista*. Cotia, SP: Atêlie Editorial; Campinas, SP: Editora Unicamp, p. 62, 2010.
TEIXEIRA, Ivan. . Irônica invenção do mundo: uma leitura de O Alienista . *Revista USP*, (77), 149-169, 2008. Disponível em:<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i77p149-169>, acessado em 26/12/2018.
XAVIER, Ismail. *Alegorias do Subdesenvolvimento: Cinema Novo, Tropicalismo, Cinema Marginal.* Editora Brasiliense, SP. 1993
XAVIER, Ismail. *Cinema Brasileiro Moderno.* São Paulo, SP: Paz e Terra, p. 15, 2006.

**REFERÊNCIAS CINEMATOGRÁFICAS**

*Azyllo Muito Louco*. Direção: Nelson Pereira Dos Santos. Produção: Nelson Pereira dos Santos; Luiz Carlos Barreto; Roberto Farias; César Thedim. Produtoras: Nelson Pereira dos Santos Produções Cinematográficas; Luiz Carlos Barreto Produções Cinematográficas; Produções Cinematográficas R. F. Farias; Difilm - Distribuição e Produção de Filmes Brasileiros Ltda, 1970. 100 minutos.

1. ASSIS, Machado. Advertências. In: *Obra Completa, Machado de Assis,* vol. II, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994. [↑](#footnote-ref-1)
2. CANDIDO, Antonio. Esquema Machado de Assis \_ in: *Vários Escritos.* 3ª ed. rev. e ampl. - São Paulo: Duas Cidades, p. 2, 1995.
 [↑](#footnote-ref-2)
3. GLEDSON, John. A História do Brasil em Papéis Avulsos de Machado de Assis. Tradução de Hélia Neves. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo de Affonso de Miranda (orgs.). A história contada. Capítulos de História Social da Literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 70, 1998. [↑](#footnote-ref-3)
4. SCHWARZ, Roberto. Prefácio. In: *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis.* São Paulo: Duas Cidades; ed. 34, p. 11, 2000. [↑](#footnote-ref-4)
5. GLEDSON, John. A História do Brasil em Papéis Avulsos de Machado de Assis. Tradução de Hélia Neves. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo de Affonso de Miranda (orgs.). A história contada. Capítulos de História Social da Literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 72 1998. [↑](#footnote-ref-5)
6. BOSI, A. *“*A máscara e a fenda*”. In: \_\_\_Machado de Assis: O Enigma do Olhar.* São Paulo: Ática, p. 89, 2003. [↑](#footnote-ref-6)
7. ASSIS, Machado. *O Alienista.* São Paulo: Ática, 2000. [↑](#footnote-ref-7)
8. PIRES, Carlos. *Machado de Assis em linha.* São Paulo: v 10, n 21. P. 142-157, agosto 2017
 [↑](#footnote-ref-8)
9. FRANCA, Sandra Mara da Silva. A “observação” e a “enunciação” do narrador em “O Alienista” In: *Machado de Assis: uma edição crítica de O Alienista Com ensaio introdutório: “O Alienista, ou do Objeto Inapreensível”.* Tese (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 25-36, 2013.
 [↑](#footnote-ref-9)
10. CANDIDO, Antonio. Esquema Machado de Assis \_ in: *Vários Escritos*. 3ª ed. rev. e ampl. - São Paulo: Duas Cidades, 1995.
 [↑](#footnote-ref-10)
11. MASSAUD, Moisés. Preliminares, in *A literatura portuguesa em perspectiva*, SP, Atlas, p. 97-104, 1994, vol. III. [↑](#footnote-ref-11)
12. TEIXEIRA, Ivan. “O altar e o Trono: Dinâmica do poder em O Alienista. Cotia, SP: Atêlie Editorial; Campinas, SP: Editora Unicamp, p. 20, 2010. [↑](#footnote-ref-12)
13. TEIXEIRA, Ivan. “O altar e o Trono: Dinâmica do poder em O Alienista. Cotia, SP: Atêlie Editorial; Campinas, SP: Editora Unicamp, p. 21, 2010. [↑](#footnote-ref-13)
14. Ibid. p. 27. [↑](#footnote-ref-14)
15. SEVERO DE SOUSA, Maurício. *“*A relação entre Igreja e Estado no Brasil do século XIX nas páginas d ́O Novo Mundo (1870-1879)*”. In: \_*- Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião - UFJF*.* Sacrilegens, Juiz de Fora, v. 10, n.2, p. 48-62, jul-dez/2013. [↑](#footnote-ref-15)
16. BOSI, A. *“*A máscara e a fenda*”. In: \_\_\_Machado de Assis: O Enigma do Olhar.* São Paulo: Ática, p. 88, 2003. [↑](#footnote-ref-16)
17. Schwarz, Roberto. Prefácio. In: *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis.* São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, p. 11, 2000. [↑](#footnote-ref-17)
18. SCHWARCZ, Lilia. *“*“Um monarca nos trópicos”: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Academia Imperial de Belas-Artes e o Colégio Pedro II Formando uma cultura local: “A ciência sou eu”*”. In: As Barbas do Imperador.* São Paulo: Companhia das Letras, p. 176-184, 1998. [↑](#footnote-ref-18)
19. GLEDSON, John. A História do Brasil em Papéis Avulsos de Machado de Assis. Tradução de Hélia Neves. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo de Affonso de Miranda (orgs.). A história contada. Capítulos de História Social da Literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 87, 88, 1998. [↑](#footnote-ref-19)
20. TEIXEIRA, Ivan. . Irônica invenção do mundo: uma leitura de O Alienista . *Revista USP*, (77), 149-169, 2008. Disponível em:<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i77p149-169>, acessado em 26/12/2018. [↑](#footnote-ref-20)